



APRENDENDO COM O PASSADO

CC (Ref-IM) Antonio Tangari Filho

Na década de 1980, um presidente, eleito com o lema de caça aos marajás, causou um furor generalizado ao decretar o bloqueio de saldos financeiros em banco, permitindo apenas a manutenção de um valor mínimo em contas correntes ou aplicações, incluindo as poupanças. Só quem tinha muito capital ou conseguiu – de forma irregular – informação prévia das mudanças, efetuou a transferência dos seus recursos para o exterior. A partir daí, ficou mais desenvolvido o hábito de se manter dinheiro em casa ou nos cofres bancários pessoais, assim como remessas para o exterior com o auxílio de doleiros. O povo, como diz o ditado, “ficou a ver navios”. Casamentos e viagens foram adiados, operações cirúrgicas eletivas foram canceladas e, lamentavelmente, até sepultamentos tiveram que ser feitos sem a dignidade merecida pelos falecidos.

Neste ano de 2020 estamos diante de uma situação tão grave quanto a que foi acima resumidamente relatada, em razão da pandemia causada pelo coronavírus. A população, conformada com a necessidade de se proteger com isolamento quase total, aceita o confinamento aconselhado pela classe médica, uma vez que não há tratamentos universalmente utilizáveis e nem vacinas disponíveis.

Assim, mais uma vez, a parte mais fraca “fica a ver navios”, porque as medidas de controle da pandemia afetam mais os que têm menos recursos e são obrigados a trabalhar, mesmo correndo maiores riscos.

Os grandes financistas, bem como os que foram “distanciados socialmente” – eufemismo para isolamento – e têm seus ganhos preservados, não passam pelas mesmas privações e não necessitam trabalhar a qualquer custo.

Os quadros ao lado mostram que ocorreram diversas catástrofes, algumas de caráter mundial. Ao se examinar os números fica evidente que as doenças e pandemias fizeram quase seis vezes mais vítimas que os principais conflitos militares (1.574 bilhão contra 263 milhões).

O século XX, para ficarmos em ocorrências mais recentes, foi marcado pela Gripe Espanhola, que causou em torno de 50 milhões de mortes em todo o mundo, além da AIDS, com cerca de 20 milhões de vítimas e, no presente século, estivemos diante da Gripe H1N1 (Gripe Suína) que, mesmo com os recursos atuais da medicina, deixou mais de 500 mil mortes.

Adeptos da teoria “risco do crescimento explosivo da população mundial”, desenvolvida por Thomas Robert Malthus no século XVIII, opinariam que tais ocorrências fazem parte de um sistema, pois haveria a necessidade de equilíbrio entre a população e a capacidade de prover recursos para sua alimentação. Entretanto, esses temores foram afastados, com a redução crescente das taxas de natalidade e o progresso nos métodos de produção, em especial de alimentos.

Na Ciência Econômica existem ainda as teorias dos “Ciclos” que, basicamente, afirmam ser a acumulação de capital e o desenvolvimento expandidos e contraídos em fases cíclicas, obedecendo a períodos de cerca de vinte e cinco anos. As epidemias e os conflitos militares contribuiriam para esses ciclos, na medida em que afetam a produção de bens e sua circulação entre os países.

Voltando ao momento atual, enfrentamos uma pandemia que tem causado internações e óbitos em quase todos os países do mundo, dentre eles o Brasil e que justifica a grande preocupação da nossa sociedade, ainda mais se considerarmos as informações diárias das autoridades médicas e sanitárias quanto às deficiências tanto em leitos de hospitais, quanto em

Principais Conflitos Militares

Conflito	Época	Vítimas
Segunda Guerra Mundial	1939 a 1945	60 milhões
Conquistas e invasões mongóis	1206 a 1324	40 milhões
Guerra dos Três Reinos	184 a 280	36 milhões
Segunda Guerra Sino-Japonesa	1937 a 1945	25 milhões
Conquista Qing da dinastia Ming	1616 a 1662	25 milhões
Rebelião Taiping (China)	1850 a 1864	20 milhões
Primeira Guerra Mundial	1919 a 1918	20 milhões
Rebelião de An Lushuan (China)	755 a 763	13 milhões
Conquista da América	1492 a 1691	8,4 milhões
Revolta Dungan (China)	1867 a 1887	8 milhões
Conquistas de Tamerlão (Eurásia)	1870 a 1405	8 milhões

NOTAS EXPLICATIVAS:

- **Vítimas estimadas. Deve-se levar em conta que, à época, as estatísticas eram precárias.**
- **Para esse estudo foram considerados os números menores, nos casos em que havia grande variação entre os totais divulgados.**

Principais Doenças e Epidemias no Mundo

Doenças	Período	Vítimas Fatais
Tuberculose	1850 a 1950	1 bilhão
Variola	1896 a 1980	300 milhões
Peste Negra	século XIV	200 milhões
Gripe Espanhola	1918 a 1945	50 milhões
AIDS	a partir de 1981	21 milhões
Tifo	a partir de 1918	3 milhões
H1N1(gripe suína)	a partir de 2009	500 mil
COVID-19	nov 2019 a set 2020	940 mil
Ebola	1976 a 2009	12 mil

NOTAS EXPLICATIVAS:

- **Vítimas estimadas, principalmente no que se refere a epidemias anteriores ao século XX. Deve-se levar em conta que, à época, as estatísticas eram precárias.**
- **Ressalta-se o número bem menor de vítimas do EBOLA. Por ter uma enorme taxa de mortalidade (90% dos infectados), houve um excepcional esforço internacional para sua contenção. O efeito na economia da África, no entanto, foi devastador.**

saneamento básico. São mais de novecentos mil falecimentos e de trinta milhões de contagiados em todo o mundo. No nosso país, onde a pandemia começou a ser acompanhada a partir de março/2020, o quadro

também é preocupante e foram registrados, até meados de setembro, números acima de quatro milhões para contagiados e superiores a cento e trinta mil falecimentos, felizmente, com um grande contingente de recuperados, mais de três milhões.

Para a expansão do atendimento hospitalar e implantação de redes de fornecimento de água potável e de esgoto no nível necessário teriam que ter sido feitos investimentos maciços, o que não é possível em curto prazo de tempo, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil.

Alguns, extremamente pessimistas, podem pensar que poderemos ter uma reprise do que ocorreu com a Peste Negra no século XIV, que atingiu um terço da população, somente na Europa, e os sepultamentos eram em números absurdamente crescentes, em razão de, na época, não existirem meios para combatê-la.

O País não merece tão grave crise, não se deseja que ela ocorra e torcemos para que, de forma coordenada e patriótica, os governantes em todos os níveis deem atenção muito especial aos sérios problemas existentes, principalmente às consequências econômico-sociais da pandemia. Muito embora tenhamos que admitir que irá ocorrer uma recuperação da normalidade das atividades produtivas e de distribuição de bens, na medida em que os efeitos do contágio pelo vírus sejam contidos. Para tal, não só as medidas de estímulo à economia devem estar no foco, mas torna-se vital que se encontre uma maneira de reduzir o número de contagiados e vítimas da Covid-19, bem como disponibilizar meios específicos de tratamento.

Não podemos esquecer que estamos em ano de eleições em quase todos os municípios brasileiros. Opiniões e decisões de caráter essencial podem ser assumidas pelos entes políticos com base em viés eleitoral, prejudicando ações que, de outra forma, seriam mais isentas. Essa não é a primeira epidemia que enfrentamos e, por certo, não será a última. Temos que aprender com as experiências do passado, replicando o que foi sucesso na contenção ou redução, como foi o caso do EBOLA e evitando negligenciar os cuidados e ter procedimentos inadequados, o que lamentavelmente ocorreu na fase inicial da epidemia de AIDS.

Vamos aguardar, com otimismo, por uma breve liberação da vacina em desenvolvimento e que a Medicina encontre tratamentos seguros e eficazes, mas sem nos abstermos da prevenção e dos cuidados com a nossa saúde diante de um quadro tão adverso. ■